

## Subjetividade antropofágica: uma linha de fuga à homogeneização das identidades

Thomas Frizeiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo pensar a Antropofagia como força contrária a imposição dos perfis identitários padronizados trazidos até nós pela atual máquina homogeneizadora do mercado. Juntamente com a filosofia de Gilles Deleuze, busca-se traçar uma linha de fuga, tanto para a questão da identidade, quanto para a literatura, através da construção e ativação de uma subjetividade antropofágica.

**Palavras-chave:** Antropofagia; Contemporaneidade, Experimentação; “Linha de fuga”; Oswald de Andrade

**ABSTRACT:** This article aims to think of Anthropophagy as a contrary force to the imposition of the standardized identity profiles brought to us by the current homogenizing machine of the market. Along with the philosophy of Gilles Deleuze, it is sought to trace a line of flight, both for the identity issue and for literature, through the construction and activation of an anthropophagic subjectivity.

**Key-words:** Anthropophagy; Contemporaneity; Experimentation; “Line of flight”; Oswald de Andrade

*Só acredito em poeta experimental que tenha vida experimental.*  
Roberto Piva

Em pleno auge da globalização, era na qual somos bombardeados por todos os lados por culturas e informações diferentes nos deparamos com

[...] uma multiplicação ao infinito das mestiçagens que se operam na subjetividade, com elementos vindos de toda parte do planeta, não importando onde se esteja. Com isso, pulverizam-se muito rapidamente as identidades, o que pode levar a supor que o modelo identitário na construção da subjetividade estaria sofrendo igual pulverização. Mas não é bem assim: ao mesmo tempo em que se dissolvem as identidades, produzem-se figuras-padrão, de acordo com cada órbita do mercado. (ROLNIK, 1998a, p. 3)

A máquina mercadológica contemporânea, como nos diz Rolnik, nos empurra uma enxurrada de perfis identitários padronizados e fixos e o que não se encaixa nesse sistema de mercado é logo deixado de lado. Com isso “as subjetividades são levadas a se reconfigurar em

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

torno de tais figuras delineadas *a priori* [...], submetendo-se a um movimento de homogeneização generalizada.” (ROLNIK, 1998a, p. 10).

Esse sistema de mercado afeta também a produção de literatura que, por se fazer presente no mercado, também se configura como produto:

[...] tem-se a impressão de que alguns livros são escritos para a resenha que um jornalista supostamente fará, de modo que ele não precisa sequer de resenha, mas apenas de palavras vazias (é preciso ler isso!, é excelente!, vamos lá!, vocês vão ver) para evitar a leitura do livro e a confecção do artigo” (DELEUZE, 1998, p. 11)

A partir desse movimento, esses livros passam a ser vistos pelos leitores dos jornais ou revistas (ou qualquer lugar no qual a resenha se encontre) como sendo a “boa literatura para o consumo”. Ora, o resultado de tal ciclo é uma corrente ininterrupta, na qual a escrita se torna um *business*, uma profissão rentável. Nesse cenário, o pensamento antropofágico de Oswald de Andrade, em comunhão com o de outros pensadores, como Gilles Deleuze, pode ser visto como uma força contrária à essa máquina anti-experimental e homogeneizadora.

Ao olharmos para a cultura brasileira, vemos uma incompatibilidade entre o protótipo do erudito conhecedor de fontes e o espírito brasileiro. Há uma tendência de se consumir acriticamente a cultura europeia, produzidas em um contexto de racionalismo, totalmente contrário do contexto brasileiro, sem levar esse novo contexto em consideração (Rolnik, 1998b), se tornando

[...] puros jogos arrogantes de erudição e inteligência resultando em repetições estéreis e num “em casa” deselegante, porque vazio de sentido e desvitalizado. É o tal “lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos” com seu “tédio especulativo”, de que nos fala Oswald de Andrade – uma espécie de superego bacharelesco agindo contra o pensamento. (ROLNIK, 1998b, p. 3)

Dessa forma, há em nós um instinto antropofágico recalçado pelos europeus que, ao colonizar o Brasil trouxeram uma visão segundo a qual “o índio ou o negro não são investidos como humanidade boa, portadora de uma verdade a ser engolida” (ROLNIK, 1998b, p. 6).

Como manifestação dessa incompatibilidade segue o “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, que nasceu sendo, como aponta Nunes (2011), ao mesmo tempo, metáfora, diagnóstico e terapêutica à sociedade do Brasil: metáfora inspirada nas cerimônias canibais dos

índios tupis, diagnóstico da sociedade brasileira traumatizada e recalcada pelo colonizador, e terapêutica, pois “empregaria o mesmo instinto antropofágico outrora recalcado, então liberado numa catarse imaginária do espírito nacional” (NUNES, 2011, p. 22).

Esse “instinto antropofágico” imanente ao brasileiro, ou, como o chama Suely Rolnik, inconsciente maquínico-antropofágico,

[...] não é prerrogativa dos trópicos, e muito menos dos brasileiros: sendo um princípio imanente à produção de subjetividade, ele é próprio da espécie humana como um todo. No entanto, ele pode estar mais ou menos ativo nas subjetividades, e isso em muito depende dos contextos sócio-culturais, do quanto tendem a favorecer ou inibir sua atividade. (ROLNIK, 1998a, p. 10)

E o próprio Oswald reconhece isso ao dizer que “só a antropofagia nos une”, sendo essa a “única lei do mundo” (ANDRADE, 2011, p. 67). Bem, se ela é imanente do próprio ser humano, nos parece que no Brasil ela encontrou um solo fecundo. Rolnik dirá que o Brasil é uma “‘reserva tropical de heterogênese’, fruto de uma rica biodiversidade [...] não só no reino vegetal e animal, mas também no humano, principalmente no campo da subjetividade” (p. 8). Ela diz ainda que

[...] essa reserva conteria a fórmula de uma vacina contra a tendência dominante à homogeneização, tanto em sua necessidade de identidades globais quanto em seus efeitos colaterais de reivindicação de identidades locais ou de dissolução no caos: a vacina de heterogênese provocaria nas subjetividades um desinvestimento do modo identitário. Doses de tal vacina estariam assim à disposição para serem injetadas na complexa química da subjetividade que se produz nessa difícil, mas não menos fascinante, passagem de milênio. (ROLNIK, 1998a, p. 8)

Talvez, justamente por ser essa “reserva tropical de heterogênese”, o Brasil tenha sido o berço desta filosofia experimental e através de Oswald de Andrade (que antes de ter sido filósofo, foi poeta experimental). E de fato o pensamento antropofágico é experimental de nascença, visto que foi resultado da digestão de Abaporu, quadro de Tarsila do Amaral. Já pelo nome do quadro vemos sua relação com a filosofia oswaldiana: *abaporu*, do tupi, significa, “homem que come” (AGUILAR, 2011, p. 281). No entanto, como bem percebe Aguilar (2011), o *Abaporu* não tem boca nem rosto: “mais que a boca, o que chama a atenção são os enormes pés e os detalhes com que são feitos, sobretudo o dedão, que aparece em primeiro plano.” (p. 281). Mais adiante, quando Aguilar compara O Pensador, de Rodin, com o nosso Abaporu, ele

percebe que, enquanto na obra do escultor francês toda a tensão está na cabeça, no Abaporu toda a tensão corporal se encontra nos pés, ou seja: “O Abaporu *pensa com os pés*” (AGUILAR, 2011, p. 284).

Se o Abaporu pensa com os pés, ele pensa cartograficamente, experimentalmente. Esse espírito antropofágico-experimental também pode ser encontrado na poesia de Oswald, “líder” do movimento antropofágico, mais especificamente no poema “3 DE MAIO”:

Aprendi com meu filho de dez anos  
Que a poesia é a descoberta  
Das coisas que nunca vi  
(ANDRADE, 1990, p. 99)

A descoberta e a novidade no poema evidenciam esse espírito: no acontecimento relatado por Oswald, temos diante dos olhos um instante da vida do eu poético/poeta (aqui fundidos) que aprende a partir de uma criança a “experimentar com os pés”, pensando com os pés. Nesse encontro com o próprio filho, ele é tomado por um devir-criança que o leva descobrir que há poesia no *ser* criança. Sobre esse mesmo poema André Monteiro nos diz:

A partir de uma escrita da subjetividade, poderíamos, no entanto, pensar o novo antropofágico como uma proposta de se escrever em uma travessia para o desconhecido, em uma entrega aos devires. Desejo de devir/descobrir/escrever, simultaneamente, um novo Brasil. Um novo homem e um novo poético, como no poema “3 DE MAIO” (antiga data oficial da “descoberta do Brasil) [...]. O Devir nesse caso não deve ser compreendido como uma correspondência de relações, e tampouco como semelhança, ou imitação (a imitação de uma criança, por exemplo), já que seu aprendizado se dá no acontecer da vida, em sua imanência, que é puro devir. (MONTEIRO, 2008, p. 182)

Oswald de Andrade, nesse poema, relaciona o aprendizado com o ser criança. Ora, a tradição do conhecimento determina a criança como um indivíduo incapaz de transmitir conhecimento, capaz apenas de absorver, aprender, visto que ela não tem experiência de vida, ou seja, não tem história. O poeta subverte então esse pensamento ao afirmar que aprendeu com seu próprio filho de dez anos. Não aprendeu observando o menino, como um estudioso que analisa seu objeto, mas aprendeu “*com*”, sendo “ensinado” pela criança. Oswald, nesse instante, nos mostra que poesia não se faz de história da poesia, não se aprende com o acúmulo de livros lidos, mas na singela experimentação do aqui e agora. A criança não tem história, mas tem

geografia, cartografia: pensa e aprende ao descobrir o mundo com os pés. Tal reflexão sobre este poema nos remete a uma passagem de *Diálogos*, de Gilles Deleuze e Claire Parnet, a qual se trata da literatura anglo-americana:

A literatura anglo-americana apresenta continuamente rupturas, personagens que criam sua linha de fuga, que criam por linha de fuga. Thomas Hardy, Melville, Stevenson, Virginia Woolf, Thomas Lawrence, Fitzgerald, Miller Wolf, Kérouac [sic]. Tudo neles é partida, devir, passagem, salto, demônio, relação com o de fora. Eles criam uma nova Terra, mas é possível, precisamente, que o movimento da terra seja desterritorialização; A literatura americana opera segundo linhas geográficas: a fuga rumo ao oeste, a descoberta que o verdadeiro leste está no oeste, o sentido das fronteiras como algo a ser transposto, rechaçado, ultrapassado. O devir é geográfico. (DELEUZE; PARNET 1998, p. 49-50)

Tal descrição de Deleuze e Parnet também poderia ser utilizada para falar da literatura brasileira. No nosso caso, do poema de Oswald de Andrade. A cartografia presente em Kerouac e outros tantos também se encontra na cartografia de Oswald; são geografias diferentes, experimentações diferentes, mas há em todas o mesmo devir: "o devir é geográfico". São escritas de diferentes subjetividades antropofágicas.

Tomemos por exemplo o clássico *On the Road*, de Jack Kerouac: nele é possível reconhecer toda a sua força experimentadora de cartógrafo quando, ao escrever de suas viagens através dos EUA também escreve em forma de viagem (quase da mesma forma como os surrealistas com a escrita automática). O próprio Kerouac mostra sua natureza experimental-antropofágica quando diz:

[...] gosto de muitas coisas ao mesmo tempo e me confundo inteiro e fico todo enrolado correndo de uma estrela cadente para outra até desistir. Assim é a noite, e é isso que ela faz com você, eu não tinha nada a oferecer a ninguém, a não ser a minha própria confusão. (KEROUAC, 2013b, p. 125)

Uma outra passagem da mesma obra também nos revela esse mesmo espírito, mas dessa vez através do personagem Old Bull Lee, nome que Kerouac dá a William Burroughs, seu amigo e também escritor:

Seria preciso a noite inteira para contar tudo sobre Old Bull Lee; digamos agora somente que ele era professor; *deve ser dito também que ele tinha todo o direito de ensinar porque passava o tempo inteiro aprendendo; e as coisas que ele aprendia era as que considerava os "fatos da vida"*, e não as aprendia apenas por necessidade, mas

também porque assim o desejava. Arrastara seu comprido corpo magro pelos Estados Unidos, e boa parte da Europa e do norte da África, nos bons tempos, só para ver o que estava acontecendo; casou com uma condessa russa na Iugoslávia apenas para salvá-la dos nazistas nos anos 30; havia fotos dele posando com a turma internacional da cocaína dos anos 30 – uma turba com penteados doidos, uns inclinados sobre os outros; (...) Em Atenas, de seu ouzo, olhou para aquilo que chamava de o povo mais feio do mundo. Em Istambul traçou sua trajetória entre viciados em ópio e vendedores de tapete, *sempre em busca dos fatos*. Leu Spengler e Marquês de Sade em hotéis ingleses. Em Chicago planejou assaltar uma sauna, hesitou dois minutos em frente de um copo, terminou só com dois dólares no bolso e tendo de fugir dali correndo. *E fazia tudo isso apenas pela experiência*. Agora, seu estudo mais recente era sobre o uso de drogas. Ele estava em Nova Orleans, se esgueirando pelas ruas com sujeitos de reputação duvidosa, rondando bares suspeitos. (KEROUAC, 2013b, p. 140-1, grifo nosso)

No excerto citado acima, podemos perceber que Old Bull Lee, ou William Burroughs, também recusa a noção de aprendizado normativa e cartesiana ocidental e aprende através do que ele mesmo chama de “fatos da vida”. O personagem, como dito por Kerouac, não procurava aprender apenas por necessidade, mas porque queria aprender, indo na contramão da concepção utilitarista do saber. Além disso, há uma sutil crítica à noção de belo proveniente da Grécia, ao dizer que seu povo, historicamente apresentado a nós através de esculturas consideradas representações perfeitas do humano, é o mais feio do mundo.

Vejamos agora o seguinte poema de Kerouac:

Procurando meu gato  
nas moitas,  
Achei uma borboleta  
(KEROUAC, 2013a, p. 81)<sup>2</sup>

É possível notar nesse poema a semelhança entre o poema de Oswald de Andrade e este de Jack Kerouac. Assim como o poema do poeta brasileiro, o haicai de Kerouac apresenta o mesmo sentimento de surpresa: ao procurar seu gato, o sujeito lírico (que aqui também se confunde com o poeta) acaba encontrando algo que não esperava ter encontrado. Essa descoberta lhe é suficiente para manter tal acontecimento registrado em forma de poesia. É

---

<sup>2</sup> Looking for my cat  
in the weeds,  
I found a butterfly  
(KEROUAC, 2013a, p. 80)

Kerouac demonstrando, assim como Oswald, que “a poesia existe nos fatos”, para citar o Manifesto Antropófago, ou “nos fatos da vida” de acordo com Kerouac. E existe principalmente nos mais inesperados, como a companhia de uma criança ou a busca por um animal perdido. Temos então diferentes antropófagos, escritores que pensam como Abaporu, geograficamente.

Cabe aqui, entretanto, uma questão: “Como se poderia pensar o papel da linguagem verbal na produção de uma subjetividade antropofágica? Mais especificamente: de que modo se poderia pensar a antropofagia como uma poética da subjetividade?” (MONTEIRO, 2008, p. 181). Ou ainda: como tal reflexão pode servir para traçarmos uma linha de fuga tanto para a questão identitária quanto para a questão literária? Rolnik, evocando Deleuze e Guattari, nos dirá que a subjetividade, segundo os dois autores, não é dada; ela é objeto de uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados” (ROLNIK, 1998, p. 2), e que essa produção se dá através de

[...] processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras de subjetividade são por princípio efêmeras e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais. ” (ROLNIK, 1998a, p. 2)

Sendo assim, poderíamos dizer que a produção se dá através de “forças intempestivas que atravessam o corpo e se inscrevem no corpo do texto” e do indivíduo. (MONTEIRO, 2010, p. 119). Tais forças, que operam em devir, poderiam ser explicadas pelo que Deleuze chama de hecceidades que são “graus de potência que se compõem, às quais correspondem um poder de afetar e ser afetado, afetos ativos e passivos, intensidades. [...] HECCEIDADE = ACONTECIMENTOS” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 108). O sujeito dá espaço às “individuações dinâmicas sem sujeito” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 109) que acontecem de forma “maquínica”, que se consiste em “agenciar elementos de uma devida variedade de universos e, a partir do que se engendra nesse agenciamento, produzir as múltiplas figuras da realidade – e não só da realidade subjetiva.” (ROLNIK, 1998a, p. 4).

Tal descrição de Rolnik, como observa a própria autora, vai perfeitamente ao encontro da descrição antropofágica:



Se a interpretamos desta perspectiva, o “antropo” deglutido e transmutado nessa operação não corresponderia ao homem concreto, mas ao humano propriamente dito – as figuras vigentes da subjetividade, com seus contornos, suas estruturas, sua psicologia. O resultado dessa operação é um desfilar de figuras que se sucedem, geradas nas miscigenações promovidas pelo nomadismo do desejo. Juntando, então, esquizoanálise e antropofagia, diríamos que a lei que rege esse nomadismo é a de um inconsciente maquínico-antropofágico, inumano Corpo sem Órgãos que devora incansavelmente as figuras do humano. (ROLNIK, 1998a, p. 4)

Este inconsciente maquínico-antropofágico não se forma pela vontade do escritor ou do sujeito, mas através de individuações sem sujeito. São forças que se chocam e deixam marcas fortes ou fracas. Mas cuidado, esse Corpo sem Órgãos que devora incansavelmente não deve ser confundido com um plagiador, mas encarado como ladrão, tal como descrito por Deleuze:

Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15)

Ora, Deleuze através dessa passagem não estaria, em certa medida, falando de antropofagia? A antropofagia é justamente uma dupla-captura, uma dupla-deglutição, “engolir o outro [...] de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação” (ROLNIK, 1998a, p. 2), formando, assim, um ser outro, sempre em devir, nunca *perfeito*, mas sempre por fazer. “Trata-se [...] de uma ética em movimento” (MONTEIRO, 2008, p. 181).

No entanto, vale lembrar que essa devoração deve ser cautelosa, pois nem tudo que está por aí é saudável. Deve-se saber o que se está devorando e se isso o faz forte o suficiente ou se o prende. “A proposta [...] é cuidar e programar nossa subjetividade para uma fuga das representações fechadas, interruptoras dos devires” (MONTEIRO, 2008, p. 183). O antropófago deve sempre se cuidar para manter sua barriga sempre jovial. (NIETZSCHE, 2008)

A partir do diálogo aqui desenvolvido junto às filosofias de Oswald de Andrade e Gilles Deleuze (entre outros pensadores), pode-se concluir que a ideia de se ativar um inconsciente maquínico-antropofágico, a qual é encarada aqui como possibilidade de fuga às representações fechadas e interruptoras dos devires, encontra ecos nas poéticas de Oswald de Andrade e Jack Kerouac, quando vemos em suas escrituras a construção de uma subjetividade antropofágica,



cartográfica, que nasce dos fatos. Ativar esse inconsciente maquínico-antropofágico, portanto, é “traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia”, pois, “só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).

Nesse sentido, a ideia é ler (e porque não escrever, ou até mesmo viver), como se escuta um disco (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49), pescando no ar as curvas e quebradas das linhas melódicas, delirando, visto que “uma fuga é uma espécie de delírio” e “delirar é exatamente sair dos eixos [...]. Há algo de demoníaco, ou de demônico, em uma linha de fuga.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 53), mas não demoníaco, assim como o grande vilão cristão, mas como o daemon grego, uma divindade, um Deus que saiba dançar, negando o Diabo com toda sua gravidade e sisudez (NIETZSCHE, 2012, p. 49).

Por fim, pode-se dizer que, para que possamos tomar essa linha de fuga, essa contínua construção da subjetividade (na escrita e para além dela), que não se alinha aos modelos oferecidos pelo mercado, é necessário matar esse Diabo. Aprender a caminhar, assim como nos ensina Nietzsche (2012), através de seu profeta Zarathustra, para então correr, voar e não precisar que empurrem para sair do lugar. É necessário ser leve e sentir um deus dançando alegremente por dentro (p. 49), pois afinal de contas, como bem cantou Oswald de Andrade (2011): “a alegria é a prova dos nove” (p. 73).

## Referências

AGUILAR, Gonzalo. O Abaporu, de Tarsila do Amaral: Saberes do Pé. In: ROCHA, João Cezar de Castro; RUFFINELLI, Jorge (Org.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em Cena*. Rio de Janeiro: Realizações, 2011.

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pau-Brasil*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1990.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

KEROUAC, Jack. *Livro de haicais*. Tradução Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 2013a.

\_\_\_\_\_. *On the road; Os subterrâneos; Os vagabundos iluminados*. Tradução Eduardo Bueno, Paulo Henriques Britto e Ana Ban. Porto Alegre: L&PM, 2013b.

MONTEIRO, André. Antropofagia: uma poética da subjetividade. In: *Literatura, crítica, cultura IV: Interdisciplinaridade*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

\_\_\_\_\_. A subjetividade antropofágica e a escrita da vida. In: *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 8, n. 13, p. 177-189, jan./jun. 2008. Disponível em:  
<[http://www.cesjf.br/revistas/verbo\\_de\\_minas/edicoes/Numero%2013/14\\_A\\_SUBJETIVIDADE\\_ANTROPOFAGICA.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2013/14_A_SUBJETIVIDADE_ANTROPOFAGICA.pdf)>. Acesso em: 8 dez. 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. Tradução José Mendes de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo Companhia das Letras, 2008.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. 4ª. ed. São Paulo: Globo, 2011.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. In: *Núcleo de Estudos da Subjetividade*. São Paulo: PUC, 1998a. Disponível em:  
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Antropoesquizoan.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Subjetividade Antropofágica (versão digital). In: *Núcleo de Estudos da Subjetividade*. São Paulo: PUC, 1998b. Disponível em:  
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2016.